

ROBERTO MACEDO

Fraternidade, educação e motivação



A taxa de desemprego é menor para quem estuda mais. Ruim com diploma, pior sem ele

Há claros sinais de que a educação está ganhando um lugar mais importante na agenda da sociedade e dos governantes. Assim, o governo federal, numa de suas iniciativas mais meritórias, concentrou suas preocupações no ensino fundamental e passou da teoria à prática, estabelecendo fundos específicos para valorização do magistério e para a municipalização do ensino desse nível, trazendo sua gestão mais para perto das comunidades a que servem. Outras instituições importantes estão também se envolvendo com o assunto, como no caso desse seminário que se realizou esta semana em São Paulo, com o título *Brasil 500 - Como se Muda um País através da Educação*, patrocinado pela Rede Globo.

Não sei se os participantes ofereceram a resposta, mas o título por si mesmo é indicativo da ênfase que se dá hoje à educação. Nota-se também na mídia um interesse maior pelo tema, percebendo-se que as matérias que o abordam ganham maior espaço. A própria Rede Globo anunciou, no seminário, que vai criar um programa semanal, o *Globo Educação*, destinado à divulgação de propostas para melhoria do ensino no Brasil.

Destaque-se também que a Igreja Católica, a instituição mais respeitada do País, elegeu a educação como tema da Campanha da Fraternidade de 1998. Li uma entrevista de dom Raymundo Damasceno, secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por ocasião do lançamento da campanha. Ele criticou pontos sabidamente vulneráveis da situação educacional no Brasil, como o ainda presente analfabetismo e a carência de recursos para a área. Entre outros aspectos, o documento divulgado na ocasião propõe que a sociedade se

una para cobrar educação pública e de qualidade, em particular organizando-se para fiscalizar a aplicação das verbas dos fundos destinados ao ensino fundamental. Na mensagem que dirigiu aos brasileiros na oportunidade, o papa João Paulo II pede uma educação que "promova o crescimento e o amadurecimento da pessoa humana em todas as suas dimensões", cuidando

do também da "formação integral para a solidariedade e a cidadania, que combata o analfabetismo e seja promotora da paz e do bem-estar social".

A educação deve, sem nenhuma dúvida, atender a esses propósitos. Num livro que escrevi recentemente sobre a interação da educação com o mercado de trabalho, enfatizo também que "ela nos aperfeiçoa como seres humanos, aprimora o nosso conhecimento, permite-nos continuar a aprender mais, facilita o convívio com outras pessoas e com a sociedade em geral e faz de nós

melhores cidadãos".

Esses valores, entretanto, por mais fundamentais que sejam, nem sempre são suficientes para despertar nos jovens o interesse em estudar mais e melhor. Essa motivação é fundamental, pois, mesmo que seja oferecido o melhor ensino, este não será absorvido se quem vai recebê-lo não estiver motivado para realizar o seu próprio e indispensável esforço nessa direção.

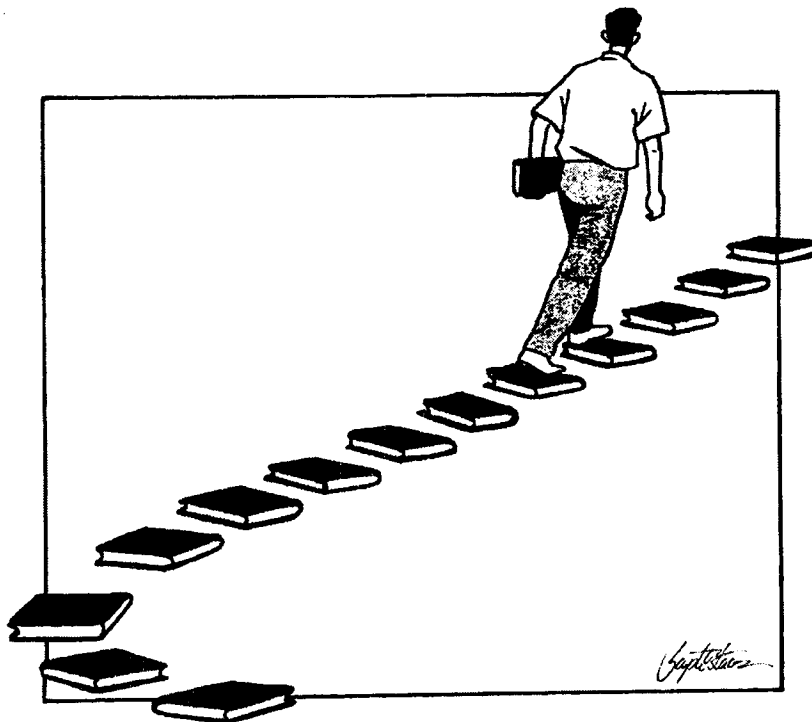
Para motivar ainda mais, creio ser indispensável também mostrar aos jovens o valor econômico da educação. Sob esse aspecto, ela nos torna mais produtivos, nos capacitando para tarefas para as quais é necessária a aquisição de conhecimentos. Para não teorizar muito, gosto de mostrar uma tabela que revela que a renda média das pessoas cresce rapidamente com o grau de instrução, sendo o resultado da remuneração dos que alcançam 12 ou mais anos de estudo quase cinco vezes a de quem alcançou apenas até quatro anos de instrução. Mais precisamente, R\$ 1.341,00 por mês no primeiro grupo e R\$ 306,00 no segundo, de acordo com dados do Ministério do Trabalho (dados de setembro de 1996, publicados no boletim *Mercado de Trabalho*

de janeiro de 1997). Com base em números como esses, há cálculos que mostram que a renda média das pessoas cresce 20% por ano adicional de estudo. Além disso, a taxa de desemprego é menor para quem estuda mais, com exceção apenas daqueles que têm escolaridade e rendimentos muito baixos, já que nesse caso as pessoas não têm condições de ficar desempregadas, fazendo qualquer coisa para evitar essa condição.

É claro que tudo isso vale para quem está ocupado e a alta taxa de desemprego às vezes é lembrada pelos jovens como um elemento que gera incertezas quanto à utilidade do empenho na educação. Respondo mostrando outros aspectos da educação, além dos voltados para o mercado de trabalho, como os ressaltados pela Igreja. Explico também que não se vai estudar para arranjar emprego este ano, que o estudo é para toda uma vida e por toda a vida e estamos enfrentando um período de transição na economia que abre a perspectiva de um melhor cenário no futuro. Até porque, se não melhorar, vamos chegar a crises que por si mesmas precipitarão soluções.

Acrescento, ainda, que, ruim com o diploma, pior sem ele. Como está sobrando gente, os empregadores elevam os requisitos educacionais no momento da contratação, não só para selecionar candidatos com maior qualificação, como também para reduzir o número dos que se habilitam às vagas. Assim, quem só alcança, digamos, o ensino fundamental pode perder oportunidades para os que chegaram ao nível médio, e estes para os que alcançaram o ensino superior.

Enfim, por várias razões vale a pena estudar, mas para motivar os jovens é preciso explicitar todas elas, particularmente no momento atual, em que o desemprego é alto e as remunerações estão aviltadas.



■ Roberto Macedo, economista com doutorado pela Universidade de Harvard (EUA), é professor e consultor
E-mail: roberto@macedo.com